

AS FACES DE MAFUKUZELA: MEMÓRIA, HISTÓRIA E NAÇÃO NA ÁFRICA DO SUL*

*Antonio Evaldo Almeida Barros***

Descobrimo as faces de John Dube

John Langalibalele Mafukuzela Dube nasceu em Natal, na África do Sul, em 1871. Era filho de pais que se converteram ao cristianismo na American Zulu Mission (AZM) na segunda metade do século XIX, Elizabeth Mayembe e James Dube, um dos primeiros homens do sul da África a ser ordenado pastor.

Os missionários e os africanos convertidos pareciam acreditar na necessidade do progresso do continente africano, o que dependeria da articulação entre formação educacional, sobretudo de caráter técnico, e propagação do cristianismo. Se, de um lado, suas ações, sedimentadas, sobretudo, em formas ocidentais de conceber o mundo, desde o princípio, se consolidariam em meio a dissensos e enfrentamentos, particularmente, quando se atenta para os valores e as práticas costumeiras comuns aos diferentes povos africanos, de outro lado, acabariam levando à consolidação de setores africanos cristianizados e educados em padrões ocidentais.¹

Na perspectiva dos missionários brancos americanos e cada vez mais dos africanos ligados às missões cristãs, homens e mulheres agricultores, artesãos, clérigos, professores e profissionais diversos, uma vez cristianizados e treinados tecnicamente para o mundo do trabalho, estariam aptos a assumirem os postos de trabalho e as posições sociais centrais naqueles tempos de formação de uma sociedade de caráter capitalista, tornando-se capazes e responsáveis pela garantia do progresso da África do Sul.

John Dube foi educado em instituições ligadas à AZM. Em 1887, viajou com o missionário W. C. Wilcox para os Estados Unidos, onde teve passagem pelo Oberlin College cuja filosofia articulava ideais de educação e trabalho, e que, em 1835, havia se

* Este artigo consiste numa adaptação de elementos de tese de doutorado defendida em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia. Ver Barros (2012).

** Professor Adjunto do Colegiado de Ciências Humanas, Campus de Bacabal, Universidade Federal do Maranhão.

tornado a primeira instituição norte-americana de ensino superior a admitir estudantes negros e do sexo feminino. Já nos EUA, buscara se sustentar trabalhando em diferentes atividades e palestrando, sobretudo durante celebrações religiosas, acerca da necessidade da educação industrial e do cristianismo em Natal.

Dube retornara aos USA mais vezes, seja em busca de formação educacional seja para recolher dinheiro para a construção de uma escola industrial zulu similar ao Tuskegee Negro Normal Institute, que foi fundado sob o lema trabalho e educação em 1888, tendo como primeiro diretor Booker T. Washington. Em 1901, Dube adquiriu 200 acres de terra no distrito de Inanda, em Natal, onde em poucos anos construíra sua escola, que também funcionava como igreja, o Instituto Ohlange, e atendia inicialmente cerca de 200 alunos. Ao mesmo tempo, ele fundou o primeiro jornal zulu-ínglês, *Ilanga lase Natal* (*O Sol de Natal*), que parece ter-lhe ajudado a estabelecer sua reputação política.

Participou, em 1909, das reuniões dos africanos contrários ao Act of Union (South Africa, 1909-1920) que, dentre outras coisas, criava as condições legais para a instituição oficial de práticas segregacionistas que se consolidariam formalmente anos depois, com o Apartheid (1948-1994). Em 1912, Dube se tornara o primeiro presidente do South African Native Congress que, posteriormente, se definiria como African Native Congress (ANC) ao qual, ao longo do século XX, a maioria dos principais líderes sul-africanos estaria vinculada, como Nelson Mandela. Dube se opusera ao Native Land Act de 1913, que destinara 87% das terras sul-africanas para os brancos, acompanhando uma delegação de africanos que, em 1914, se dirigiu a Londres para protestar contra essa lei. Em 1917, ele foi deposto – ou deixou – a presidência do ANC num contexto de divergências de opinião sobre os princípios e implicações práticas da segregação. Nos anos 1930 e 1940, participaria esporadicamente de ações no âmbito do ANC.

Em 1931, Dube parece ter sido bastante ativo nas negociações das chamadas “cartas dos nativos” de James Hertzog (1866-1942), projeto de leis apresentado no parlamento e cuja intenção era permitir que os negros se desenvolvessem à sua própria maneira, em suas próprias áreas, princípios estes que acabaram sendo aprovados, através de atos legais, em 1935, o que se deu paralelamente ao progressivo processo de remoção de africanos negros de suas áreas originais: alguns vêem a participação de Dube neste

episódio como no mínimo ambíguas. Em 1935, ele se tornaria, embora por um curto período, membro da All-African Convention, que unia africanos negros de diferentes tendências políticas e cujo objetivo era promover os direitos dos africanos através de boicotes e outros mecanismos. De 1936 até sua morte, em 1946, quando foi substituído por Chief Albert Luthuli, John Dube representou Natal no Native Representative Council.

Essa apresentação sumária do itinerário de John Dube (1871-1946) permite vislumbrar como ele se tornou uma figura central da história e memória sul-africana moderna. A começar pelo fato de que, embora submetido a diferentes versões e perspectivas, o interesse pela sua história é inseparável do conjunto de papéis e cargos por ele exercidos e das sucessivas tomadas de posição que adotou no espaço público. Porém, se essas realizações são bem conhecidas por aqueles que têm se interessado por sua vida e obra, não menos significativo é observar que os discursos e práticas atribuídos a Dube não costumam ser trazidos à tona de modo despropositado; a eles são destinadas ênfases e interpretações de natureza política, acadêmica ou artística, situadas no contexto social e histórico de seus produtores, numa cadeia de interpretações que envolve, além de Dube, homens e mulheres que com ele conviveram ou que, posteriormente, o tomaram como objeto de suas narrativas. Assim, é precisamente com esse conjunto heterogêneo de discursos e práticas relacionados a John Dube, construídos por ele próprio e por diferentes intérpretes, que este trabalho se ocupa.

A partir da análise daquele conjunto de representações e experiências instituintes de Dube, em primeiro lugar, gostaria de sugerir que há pelo menos duas tendências significativas entre aqueles que, de final do século XIX ao início do século XXI, têm tomado John Dube como objeto ou sujeito de interesse. Essas formas de conceber e inscrever Mafukuzela parecem se relacionar tanto às opções que ele de fato tomara ao longo de sua vida quanto aos modos como os próprios intérpretes tendem a se posicionar diante dos atos, palavras e silêncios de Dube, e em relação a elementos que marcariam política, econômica e culturalmente a própria história da África do Sul, a exemplo do apartheid. Os intérpretes de John Dube, muitas vezes, parecem estar menos interessados em Dube do que nas causas que teriam levado à institucionalização ou às diferentes formas de resistência e superação do processo de implementação do Apartheid.

Tudo acontece então como se esses discursos sobre Mafukuzela servissem tanto para ativar problemáticas em voga na África do Sul como, simultaneamente, para legitimar as continuidades ou mudanças de orientação política na cena pública.

Assim, de um lado, há aqueles que tendem a identificar John Dube como colaborador direto ou indireto do processo de implementação do regime segregacionista sul-africano. Embora se possam observar registros e focos dessa tendência de interpretação da vida de Dube em diferentes momentos e contextos da história da África do Sul contemporânea, tudo indica que ela seja dominante nos anos do Apartheid, particularmente entre as décadas de 1940 e 1970. Aqui, Dube pode ser visto como fantoche dos brancos, incentivador da solidariedade racial; numa expressão, promotor do apartheid. John Dube seria o retrato de como ser fraco e ambíguo diante das forças sociais, políticas e econômicas da história sul-africana, e da luta contra a opressão social e racial.

De outro lado, há aqueles que posicionam John Dube como personagem central das lutas históricas contra a segregação racial, inscrevendo-o, como ocorre paradigmaticamente nos dias atuais, como uma espécie de herói sul-africano. Também neste caso se podem observar registros desta tendência em diferentes décadas e situações, como nas representações sobre Dube produzidas por sua família e grupo social nos anos 1970 no âmbito dos *izibongos*² que lhe foram dedicados. Mas este padrão interpretativo se tornaria claramente dominante na África do Sul pós-Apartheid, particularmente no contexto de invenção da África do Sul como *Rainbown Nation*. Aqui, Dube é reabilitado como sujeito absolutamente envolvido nas lutas pela liberdade, opositor inteligente de ações e movimentos que visavam instituir o Apartheid, e cuja vida seria exemplo de que nas origens da nação sul-africana moderna haveria formas claras de relações raciais harmônicas entre brancos e negros. John Dube seria, portanto, o retrato de como ser forte diante das forças sociais, políticas e econômicas da história e na luta contra a opressão social e racial; um exemplo heróico para ser seguido numa África do Sul que se pretende como nação caracterizada pela diversidade cultural e étnica.

Cabe ressaltar, no entanto, que, se as percepções sobre a existência de Dube são variadas, todos os biógrafos, documentaristas e comentaristas concordam em ao menos dois pontos: de um lado, ele não se confunde com um indivíduo ordinário ou socialmente

insignificante, o que ajuda a explicar a profusão de dispositivos empregados para produzir, atualizar ou questionar o legado desse personagem; de outro lado, devido a essa primeira condição, uma vez liberado da condição estritamente biológica, a existência de John Dube pode então assumir uma dimensão pública, permitindo a sua utilização como objeto de diferentes estratégias e tramas de competição política e batalhas pela memória da nação.

Em segundo lugar, e paralelo a hipótese de que existe uma relação direta entre as formas de conceber Dube e os modos de interpretar a história das relações raciais e o processo de definição da própria nação sul-africana, sugiro também que as intervenções teóricas e práticas de e sobre John Dube tanto se alicerçam quanto fomentam determinadas concepções de história e memória, desenvolvimento, raça, cultura e nação. Nesse contexto, torna-se possível vislumbrar um processo contínuo e heterogêneo, de nomeação, de definição, mas também de auto-inscrição da região sul-africana de Natal e dos zulus, em particular, e da África e dos africanos e negros, em geral.

É possível que o modo como John Dube e aqueles que o têm tomado como objeto de interesse concebem os processos sociais e históricos nos quais a África do Sul e seus povos estiveram envolvidos se relacione e seja mesmo derivado dos modelos de história e desenvolvimento, comumente definidores de certas concepções de nação, no qual esses intérpretes consciente ou inconscientemente se fundamentam. Neste contexto, seriam dominantes concepções progressistas de desenvolvimento social e histórico, tidas como inevitáveis e universais, embora perspectivas diferentes que levariam em conta as especificidades culturais, por exemplo, também possam ser observadas.

A própria possibilidade de realização desta pesquisa encontra-se relacionada sobremaneira aos eventos que marcariam as tentativas de imprimir, controlar e definir os documentos que deveriam ser preservados para a construção da história da África do Sul. A maioria dos documentos trazidos aqui à tona foram identificados na Killie Campbell Africana Library (KCAL), em Durban, e no Alan Paton Centre (APC), em Pietermaritzburg, ambos arquivos da University of Kwazulu-Natal, onde realizei pesquisa arquivística e de campo em duas etapas: em 2009, durante seis meses e, em 2001, durante dois meses. Ora, a própria história dessas instituições ilustra as experiências de reconstrução da memória e de redefinição da nação na África do Sul, um processo que,

como reconhecem diversos pesquisadores e corrobora o autor desta comunicação, é dominado pelo drama da passagem do Apartheid para a democracia.

Pelo menos desde 1922, o sistema de arquivos da África do Sul se encontrava sob domínio do State Archives Service (SAS). A absorção da cultura burocrática do Apartheid e, em um nível mais profundo, da ideologia do regime, teria dado forma às funções do SAS e deixado marcas indeléveis na contribuição desse órgão para a memória social. As políticas do SAS, ferramenta para pesquisadores acadêmicos, particularmente os historiadores, resultaram na subrepresentação e subreflexão da experiência dos oprimidos e marginalizados pelo Apartheid. Havia uma política de coleta que dirigia deliberadamente os arquivistas para longe dos diferentes grupos sociais que constituíam a base da sociedade e, por isso, evitava a documentação da oralidade. (HARRIS, 2002: 72-4)

Esta realidade começaria a mudar a partir dos anos 1980, quando a história social e as perspectivas históricas revisionistas, que floresceriam a partir dos anos 1970, começaram a influenciar o programa do SAS. Surgem, então, algumas instituições dedicadas a dar voz aos sem voz através de acervos arquivísticos, a exemplo o APC na University of Natal e a KCAL. Esta nasceu de uma coleção privada organizada pela senhora Killie Campbell (1881-1965) doada para a University of Natal, dispõe de uma ampla coleção documental que cobre sobretudo as regiões sul e leste da África do Sul. Há registros de testemunhos de história oral, inclusive um pequeno discurso de John Dube em zulu, registros sobre a Revolta Bambatha de 1906, documentação sobre viagens dos primeiros exploradores em África, as missões cristãs, educação e caça, arte e artesanato zulus, e acerca de várias organizações que resistiram ao Apartheid. A senhora Campbell organizou inclusive uma pequena pasta contendo alguns dos tributos e notícias de jornais sobre Mafukuzela que eclodiram quando de sua morte: John Dube deveria ser lembrado e suas histórias, contadas. Já o segundo teve início logo após a morte de Alan Paton³, em 1988, quando sua viúva, a Sra. Anne Paton, doou sua coleção para a University of Natal. O APC consiste sobretudo num repositório de documentos sobre organizações e indivíduos que estiveram envolvidos na luta contra o segregacionismo.

A importância desses arquivos torna-se ainda mais relevante quando se tem em conta que, entre 1990 e 1994, de acordo com investigações da Truth and Reconciliation

Commission (TRC), houve a destruição oficial, sistemática e seletiva de certos registros, numa tentativa de levar ao esquecimento certas histórias e memórias, o que envolveu os mais altos estratos do governo e do Estado (HARRIS, 2002: 64).

Saliente-se também o impacto que as diferentes mídias digitais parecem ter no processo de proliferação de determinadas representações sobre John Dube. Há um arsenal não desprezível de informações sobre ele na rede mundial de computadores. Neste caso, a construção da *Rainbow Nation*, pelo menos através da releitura que é feita de John Dube na história recente, dar-se-ia tanto através de sua recuperação biográfica acadêmica (GASA, 1999; HUGHES, 2011) quanto, e talvez sobretudo, através de um multifacetado processo de disseminação digital que tem em comum consolidar uma imagem relativamente homogênea de John Dube, na qual são obliterados e relidos aqueles seus atos e ações que pudessem levar a uma leitura deslocada de sua construção como herói da nação arco-íris.

Dube em seu próprio tempo

Em seu próprio tempo, John Dube não costumava passar despercebido nem entre os negros nem entre os brancos. Já nas cartas de recomendação de seu *A talk upon my native land*, disponibilizadas ao final do livro, detalhes da personalidade, do comportamento e da visão de mundo do jovem John Dube são delineados pelos observadores missionários norte-americanos. W. B. Crittenden (1891: 34, grifos do autor), por exemplo, que foi professor de Dube no Oberlin College, lembra: “Fiquei muito impressionado com a sua seriedade nos estudos, e com a aspiração nobre, que parecia permear todo o seu ser”. Ele “é um garoto brilhante, inteligente e, acima de tudo, *cristão* [...] Sua habilidade como palestrante sobre a sua terra de origem há muito já foi comprovada”. Para ele, o jovem zulu estaria nos EUA obtendo a “educação necessária para a regeneração de seu povo no continente negro”.

Dube também despertara atenção de autoridades brancas de Natal. Em 1906, o governador da região afirmava que ele era “um etíope destacado que precisa ser observado”. Em 1908, F. R. Moor, que era visto como um homem branco raro, já que teria

alguma simpatia pelos africanos, via Dube como “um personagem inteiramente excepcional” (MARKS, 1975: 164; 170).

Em 1927, quando Dube tinha 52 anos e estava de passagem pelos Estados Unidos, W. C. Wilcox, autor de *The man from an African Jungle*, escrevera um breve artigo que, em grande medida, seria seminal no sentido de inscrever certos modos de interpretação da vida de John Dube. O título do artigo, com tom claramente biográfico, *The story of John Dube*, era seguido do subtítulo *The Booker Washington of South Africa*. Em intérpretes biográficos acadêmicos posteriores a influência de Washington sobre Dube se tornaria um ponto de partida central para interpretar os feitos do último. Wilcox destaca alguns detalhes da vida de Dube que também passariam a ser vistos como determinantes para sua trajetória: o percurso de Dube é traçado como o itinerário do mito e herói clássico da Grécia Antiga, Ulisses. Como todo herói clássico, a necessidade de aprendizado leva o futuro herói a se afastar de seu torrão natal, tendo que viajar para os EUA; ao longo do processo ele enfrenta inúmeras dificuldades, mas as supera; assim, ele desenvolve o percurso do herói, por meio do qual adquire comedimento, capacidade de perdoar, humildade e astúcia, que seriam as competências necessárias à obtenção de sua heroicidade: seus feitos seriam significativos.

Dube, ainda em vida, receberia algumas das mais significativas honrarias possíveis para um homem negro na África do Sul de seu tempo. Em 1936, foi anunciado pelo jornal *The Natal Advertiser* o título honorário de Doutor em Filosofia a ele conferido pela Universidade da África do Sul.

O poeta zulu Benedict Wallet Vilakazi (1906-1947) fez-lhe um tributo quando de sua morte. Caracterizara Dube como “o maior homem negro da época missionária na África do Sul”. E destaca que “na morte de Dr. John Langalibalele Dube [...] verdadeiros sul-africanos, sejam brancos ou negros, perderam uma grande figura”. (VILAKAZI, 1946).

Dube lembrado nos tempos do Apartheid

Nos anos 1970, quando escrevem, por exemplo, três dos principais intérpretes de Dube do período, Marks (1975; 1977), Davis Junior (1975) e Marable (1976), o Apartheid⁴ estava devidamente estabelecido.

O foco nas relações de John Dube com os Estados Unidos, particularmente com o cristianismo americano e, especialmente, com Booker Washington, consistiu na porta de entrada da primeira interpretação propriamente acadêmica sobre Dube de que se tem notícia, publicada pelo professor R. Hunt Davis Jr., em 1975, no *Journal of African Studies*. Davis Jr. (1975)

Por sua vez, Shula Eta Marks (1975) parece ter escrito bastante influenciada pela situação da África do Sul dos anos 1970. Num texto exploratório, Marks parece não ter dúvidas de que a vida de John Dube “expressa e reflete algumas das complexidades” (MARKS, 1975: 163). Ao tocar na memória da vida de John Dube Marks a traduz como existência encapsulada pelo seu tempo, incapaz de negociar com o radicalismo urbano que emergiu nos anos após a Primeira Guerra Mundial, tendo respondido pela adoção de uma abordagem étnica que acordou com o pensamento segregacionista e serviu para subvalorizar a solidariedade de classe e, portanto, contribuíra para a consolidação do Apartheid. Em Shula Marks, parecem coexistir harmonicamente a objetividade da ciência histórica fundamentada em evidências e a eficiência dos instrumentos metodológicos, de um lado, e a clara simpatia pela ideia de luta de classes e a decepção com a instituição do sistema do Apartheid, de outro, num processo através do qual as ações de John Dube passam a ser vistas como prisioneiras e, em última instância, fomentadoras dos eventos históricos que teriam levado à institucionalização formal, em 1948, de um sistema de relações sociais baseado na separação dos grupos por critérios de raça e cor.

Então professor de estudos afro-americanos da Columbia University, William Manning Marable (1950-2011), em 1976, dedicaria sua tese de doutoramento em História, *African Nationalist: The life of John Langalibalele Dube*, defendida na University of Maryland, para analisar a vida de John Dube. A interpretação de Manning Marable guarda diversas semelhanças com aquelas de Marks e Davis Jr., e também com aquela do ativista político Bangani Tabata. Sobre Dube, conclui Marable (1976): “seu fracasso, e o fracasso de sua sociedade Kholwa, em apreciar o caráter corrupto da segregação e em se opor ao

racismo branco em todos os níveis, ajudou a trazer o sistema de relações raciais da África do Sul chamado apartheid”; “a história pessoal de Dube é, de modo geral, a história de uma derrota do espírito humano. As maiores metas que Dube e seus amigos políticos perseguiram e as táticas de curto alcance da pequena classe média negra de Natal ajudaram a criar o regime anti-humano no sul da África” (Marable, 1976: iii).

Em carta endereçada a Nelson Mandela, em junho de 1948, o líder radical Isaac Tabata (1906-1990), fundador do Non-European Unity Movement, apresentara sua visão sobre como deveria ser a organização da luta pela liberdade na África do Sul, fazendo um breve histórico sobre esse processo, do qual participara Dube. Para Tabata (1948), nos primeiros esforços para instituição daquele movimento de unidade africana, a administração branca reagira e teria encontrado “um fantoche disposto na pessoa do falecido Dr. Dube, naquele tempo, o Sr. Dube, o diretor de uma escola secundária em Natal”. John Dube “foi o primeiro a romper com Convenção, e com ele foi praticamente toda a Natal. A imprensa branca o aclamava como um grande estadista, um moderado, um político prático e, de fato, um epítome de todas as virtudes”. Os brancos “o coroaram com um halo de grandeza e conferiram um doutorado a ele. Foi como Dr. Dube que ele levou os zulus de volta ao tribalismo, onde eles ainda continuam estagnados hoje” (TABATA, 1948).

Mas há outros lugares sociais a partir dos quais Dube é resgatado na África do Sul do Apartheid – como se a memória fosse se perdendo e a necessidade de contê-la fosse eclodindo. Pouco mais de dez anos depois da morte de Dube, o Ohlange Institute instituiu a “Mafukuzela Week”, dentro da qual passariam a ser realizadas algumas homenagens a aquele personagem. Em 5 de outubro de 1974, um sábado, S. D. Ngcobo, então diretor da Ohlange High School, gravou o poeta e cantador Mbutho recitando o izibongo de John Dube no cemitério daquela escola.

O izibongo de Dube é constituído por 485 versos, oferece uma rememoração das ações políticas e religiosas, das qualidades pessoais, e também a avaliação de Dube por seus companheiros. Os eventos são narrados cronologicamente, do nascimento à morte de Dube. O izibongo começa com algumas lamentações acerca de sua morte. Inicialmente, indica-se que a morte de Dube retirou do meio do povo um dos maiores filhos da África.

Mostram-se as dificuldades que ele teve durante sua vida até sua morte. Apresenta-se Dube como um homem que superou significativos obstáculos, trabalhado nos bons e maus momentos pela grandeza do continente africano. Destaca-se que suas atividades políticas se estenderam para diversos lugares, como a Suazilândia, Lesoto, Rodésia e outras partes de África, e que Dube percebera que nenhum povo podia confiar inteiramente em meios de comunicação que não são controlados e produzidos por aqueles que fazem parte dele, por isso fundou *Ilanga lase Natal* em 1900, para assim apresentar suas aspirações, esperanças e pontos de vista. Afirma-se que *Ilanga lase Natal* se tornou um dos meios de comunicação mais importantes para a expressão africana, uma arma poderosa na batalha pelo progresso e libertação de África. Pondera-se que Dube enfatizou a necessidade de educação industrial e acabou aparecendo para alguns como apoiador da visão de que o negro só estaria preparado para um papel que envolvesse o uso de suas mãos, em vez de sua mente. Salienta-se que Dube era um homem muito religioso, e que realizara mais feitos do que Booker Washington. Dube teria sido fundamental para todo o continente africano.

Antes restrita a espaços mais privados, como sua família, sua escola e seu grupo social, essa imagem de Dube e de seus feitos, como delineada em seu izibongo por Mbutho, será dominante nas formas de apreender John Dube na chamada *Rainbow Nation* do pós-Apartheid. Capítulo de uma “memória subterrânea” (POLLAK, 1989; 1992), já que seu conteúdo é predominantemente contrário e se defronta com a concepção oficial de nação na África do Sul do Apartheid, a representação de Dube, como vista em seu izibongo, passará a ser uma das linhas de um novo tecido de nação, a nação arco-íris.

Dube lembrado na Rainbow Nation

No dia 27 de abril de 1994, nas primeiras eleições gerais da história da África do Sul democrática, Nelson Mandela votara no Instituto Ohlange, distrito de Inanda, em Durban. Escolheu também, no mesmo instituto, o túmulo de John Dube para fazer seu primeiro pronunciamento de agradecimento pela vitória, afirmando: “Senhor Presidente, eu vim para dizer que a África do Sul está livre hoje”. Nas palavras de Langa Dube (neto de Dube), “o presidente Mandela tinha vindo para se conectar com o espírito do meu avô para

que ele pudesse ter a força e a sabedoria necessária para liderar o país” (Obelin-Inanda.. 2006). Esse ato de Mandela, o maior ícone da *Rainbow Nation*, seja porque constitui um de seus símbolos centrais seja porque é seu principal idealizador, é comumente lembrado nas diferentes formas através das quais John Dube é imaginado, analisado e inscrito.

Não é fortuita que a epígrafe escolhida pelo professor zulu Enoch Doctor Gasa para sua tese apresentada no departamento de História na então *University of Zululand*, em 1999, seja a poesia *Herói da África*, produzida em zulu e na qual Dube é enaltecido como “Mafukuzela da África”, “pássaro negro desta terra, que atravessou mares, chegando ao exterior”, aquele que teria recebido a “sabedoria de profetizar” e o fizera “intelectualmente”. Enfim, “louvado seja o herói da nossa terra” (GASA, 1999: viii-ix)

A mais recente e completa biografia sobre Dube, intitulada *First President: a life of John L. Dube, founding president of the ANC*, foi publicada em 2011. Torna-se característico daqueles que escrevem, no contexto acadêmico, sobretudo nestes anos 2010, realizar o que denominam de balanço geral do legado de Dube. Hughes não escapa a esta perspectiva. Ela nota que embora Dube tenha crescido em uma colônia britânica no final do século XIX, sua educação, apoio financeiro e orientação moral foram, em grande parte, derivados do pensamento e vida americanos. Ele acompanhou o debate americano sobre progresso e esclarecimento, o que modelara seus esforços e realizações. A partir de uma tradição republicana, ele desenvolvera uma política oposicionista e fortemente cívica, para alcançar não somente direitos individuais, mas também coletivos. Era a favor de transições do antigo para o novo, mas que isto fosse feito de modo ordenado. Ele protestou contra a escuridão do paganismo, contra os chefes tradicionais que não conseguiam governar, mas ele também pediu às pessoas para terem orgulho de sua herança cultural. Para ele, seria possível harmonizar inteiramente o velho e o novo (HUGHES, 2011: 256). Dube é, assim, identificado com internacionalidade, progresso, esclarecimento, republicanismo, civismo, cidadania, transformação e multiculturalismo: retomar o legado de Dube significaria tanto reconduzi-lo ao seu próprio tempo quanto torná-lo umbilicalmente ligado às agendas do tempo presente. O legado de Dube, portanto, se associa e provoca os anseios dos novos tempos: cidadania, anti-racismo e nação.

Em 2003, a School of Religion and Theology começou a realizar palestras e simpósios em memória de John Dube, em colaboração com o KwaZulu-Natal Christian Council. As palestras foram destinadas a celebrar o legado de Dube, comemorando a vida e o trabalho dos pioneiros da luta, celebrando a interface entre religião e política. Na primeira delas, ministrada por R. Kumalo, salienta-se que Dube dera “uma enorme contribuição para acabar com a colonização e o apartheid”. Assim, trata-se de “aprender com o passado para compreender o presente e construir o futuro dos povos africanos” (KUMALO, 2011: 13). A palestra de Kumalo visou basicamente “fornecer uma breve biografia de Dube” e, particularmente, identificar “alguns dos temas-chave encontrados em seu legado que podem ser úteis para o contexto presente e também no futuro, à medida que continuamos a construção da nova África do Sul” (KUMALO, 2011: 21).

Chérif Keita, professor de literatura francófona do Carleton College (EUA), tem produzido e divulgado alguns documentários sobre Dube. *Wilcox-Dube, an American-South African story on the screen*, por exemplo, trata do encontro do jovem Dube com a família Wilcox, o casal de missionários americanos, que viveu na África do Sul entre 1881 e 1919. O encontro é interpretado e transformado em momento crucial para a evolução social e política da África do Sul: Dube, ao longo de sua vida, seria exemplo da possibilidade de harmonia e entendimento entre brancos e negros. Um segundo documentário é *Oberlin-Inanda: the life and time of John Dube*, que receberia menção especial da *Association Ecrans* e no qual ele reconta a vida e a jornada política do homem Dube. Finalmente, Keita produziu *Cemetery Stories: a Rebel Missionary in South Africa*, focando desta vez na família Wilcox, interpretando-os como missionários não convencionais, que teriam ficado do lado dos negros contra o sistema colonial. Keita tem se tornado um especialista em inventar e reconstruir tradições na África do Sul moderna, contribuindo de modo bastante direto para a redefinição da África do Sul enquanto nação arco-íris. Como empreendedor de memória (JELIN, 2002: 49), Keita tem pretendido obter o reconhecimento social e a legitimidade política de sua versão ou narrativa do passado. Além disso, tem se preocupado e se ocupado em manter visível e ativa a atenção social e política sobre seu empreendimento.

Em janeiro de 2012, John Dube foi o primeiro dos doze presidentes que foi homenageado pelo ANC nos seus 100 anos de existência. Transmitida ao vivo pela SABC, televisão pública e aberta sul-africana, na cerimônia em homenagem a John Dube, Zuma (2012a) afirmou que “o legado do presidente Dube engloba autossuficiência e unidade africana, educação de qualidade e uma luta incansável por igualdade e liberdade”. Importante destacar os impactos desses eventos, cujo alcance é potencialmente muito grande. Mais ainda, quando se destaca que essas formas de apreensão da realidade são disseminadas pela rede mundial de computadores. John Dube, saindo de uma quase total invisibilidade para uma hipervisibilidade, é transformado em aspecto da cultura nacional sul-africana. Dube, segundo Zuma, “articulou uma identidade africana que transcendeu as identidades tribais”. Apesar de todas as ideias em contrário, “Dr. Dube permaneceu convicto da necessidade de estabelecer harmonia racial”. (ZUMA, 2012b).

No dia 17 de maio de 2012, em cerimônia ocorrida com a presença de diversos membros do governo, o presidente da África do Sul, Jacob Zuma, presidiu a cerimônia de renomeação da residência oficial da presidência e vice-presidência da república, em Durban, Kwazulu-Natal. A antiga King’s House passaria a se chamar Dr. John Langalibalele Dube’s House (THE PRESIDENCY, 2012). Para Zuma, “o objetivo deste processo não é obliterar a história de qualquer seção da nossa sociedade”, mas “contribuir para a construção de uma sociedade inclusiva que reconheça os nossos destinos, nacionalidade e herança comum”. Assim, “somente aqueles que negam as práticas desumanas e atrocidades perpetradas contra as populações nativas por potências coloniais em toda a parte do mundo que poderiam pensar que a ação que estamos realizando não é necessária e importante”. “Não é a intenção do governo sul-africano destruir o patrimônio e a história diversa de parte da população sul-africana”, mas “é necessário que se reconheçam as realidades do período horrível da colonização e do Apartheid. Não podemos nos iludir sobre a nossa história, que tem sido repleta de dor e sofrimento para a maioria, por mais de três séculos”. “A dor associada com a erosão da própria existência do nosso povo não pode ser quantificada, e não pode ser desfeita. O processo de renomeação vai ajudar a restaurar um senso de identidade e de orgulho nacional entre o nosso povo, e também irá ajudar na reconstrução da história de muitos lugares na África do Sul”.

“Embora mudando os nomes, também é importante manter os artefatos históricos armazenados com segurança, para que as gerações futuras possam ser capazes de ver as voltas e as dores da nossa história, e garantir que elas não repitam o sofrimento do passado”: uma verdadeira “celebração da nativização da África do Sul”. (ZUMA, 2012a).

Como se sabe, tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. (LE GOFF, 1992: 426)

O fato é que continuam sendo múltiplas as lutas e tensões, simbólicas e sociais, por meio dos quais a fabricação da nação se expressa. Este é um fenômeno marcado por contínuos processos de vizibilização e invisibilização de determinados patrimônios. John Dube, outrora invisibilizado na arena pública do imaginário nacional, é conduzido ao centro do projeto nacional.

Enfim, fundando-se museus e monumentos, renomeando-se ruas e prédios oficiais, homenageando-se e criando-se heróis, revigorando-se e reinventando-se costumes e tradições antigos, transformando-se dias e meses em período de homenagens ao patrimônio de lutas do país contra a opressão, dando-se, enfim, legitimidade oficial para certo tipo de memória, através de diferentes meios, inclusive digitais, a *Rainbow Nation* vai sendo esculpida simbolicamente enquanto tal. Identificar e celebrar esse patrimônio significaria destacar, sobretudo, as lutas pela liberação que visariam a coesão social, o desenvolvimento econômico e a cidadania inclusiva. Nesse contexto, são homenageados e recuperados aqueles que, como John Langalibalele Dube, teriam dedicado suas vidas para garantir que o país alcançasse a liberdade e a democracia.

Como todo projeto de nação, este também parece se basear na promoção utópica da igualdade e da liberdade, que se anunciam como sendo para todos e todas, mas como outros artefatos nacionais, parece também se fundar em desigualdades, obliterações e dissensos, sendo melhor para alguns que para outros.

Referências

- BARROS, A. Evaldo A. **As faces de John Dube: Memória, História e Nação na África do Sul**. 2012. 205f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- COETZEE, R. M.. The mind of Apartheid. Geoffrey Conjré (1907-), **Social dynamics**, n. 17, p. 1-35, 1991.
- COMAROFF, Jean & John L. Home-Made Hegemony: Modernity, Domesticity and Colonialism in South Africa. In: HANSEN, Karen Tranberg (ed.). **African Encounters with Domesticity**. New Brunswick, Rutgers University Press, 1992.
- CRITTENDEN, W. B. Letter... In.: DUBE, John Langalibalele. **A familiar talk upon my native land and some things found there**. [s. e.], 1891.
- DAVIS JR., R. Hunt. John L Dube, a South African Exponent of Booker T. Washington, **Journal of African Studies**, v. 2, n. 4, 1975-6.
- DINNERSTEIN, Myra. The American Zulu Mission in the Nineteenth Century: Clash over Customs. **Church History**, Cambridge University Press, V. 45, N. 2, p. 235-246, Jun., 1976.
- GASA, Enoch Doctor. **John L. Dube, his Ilanga lase Natal and The Natal African Administration, 1903-1910**. 1999. Tese (Doctor of Philosophy) – Department of History at the University of Zululand, 1999.
- HARRIS, Verne. The Archival Sliver: Power, Memory, and Archives in South Africa. **Archival Science**, v. 2., p. 63–86, 2002.
- HUGHES, Heather. First President. **A life of John L. Dube, founding president of the ANC**. Johannesburg: Jacana, 2011.
- JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI Editores, 2002.
- KEITA, Chérif. **Cinema : Wilcox-Dube, an American-South African story on the screen** [6 de março de 2009]. Burkina Faso: Lefaso.net. Entrevista concedida a Joachim Vokouma. Disponível em <http://www.lefaso.net/spip.php?article32853>. Acesso em 20 de out. de 2011.
- KUMALO, S. Pastor and Politician. **Essays on the Legacy of JL Dube, the First President of the African National Congress**, 2011. (No prelo)
- LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas: Editora UNICAMP, 1992.
- LEWSON, Phyllis Lewsen (ed.) **Selections from the Correspondence of John Merriman, 1905-1924**. Cape Town: The Van Riebeeck Society, 1969.
- MARABLE, Maning. **African Nationalist. The Life of John Langalibalele Dube**. 1976. Tese (Doctor of Philosophy) – Faculty of the Graduate of the University of Maryland. Michigan: USA, Xerox University Microfilms, 1976.
- MARKS, Shula. The ambiguities of dependence: John L. Dube of Natal. **Journal of Southern African Studies**, v. 1, n. 2, abr. 1975.
- OBERLIN-INANDA: **The Life and Times of John L. Dube**. Direção: Chérif Keita; Vancouver: Villon Films, 2006. 1 DVD (54 min).
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio, **Estudos Históricos**, p. 3-15, 1989.
- _____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- POSEL, Deborah. **The Making of Apartheid, 1948-1961: Conflict and Compromise**. Oxford: Clarendon Press, 1991.

ROSA RIBEIRO, Fernando. Classifying “Race” and “Whitening” the Nation: Suggestions Towards Comparative Reading of South Africa and Brazil. **Safundi. The Journal of South African & American Comparative Studies**, Estados Unidos, v. 15, n. July 2004, p. 1-14, 2004.

_____. Apartheid e Democracia Racial: Raça e Nação no Brasil e África do Sul, **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 24, p. 95-120, 1993.

SIVETYE, Gideon M. Tribute a John Dube by the Rev. Gideon M. Sivetye. **Ilanga lase Natal**, , 23 fev. 1946, p. 15.

STONE, Judith. **Retrato em preto e branco**: a história verídica de uma família dividida por problemas raciais. São Paulo: Ed. Landscape, 2008.

TABATA, I. B. **On the Organisations of the African People**. From I.B. Tabata to Nelson Mandela, June, 1948. Disponível em: <http://www.sahistory.org.za/article/protest-challenge-documentary-history-african-politics-south-africa-1882-1964-part-two-53>.

Acesso em 10 fev. 2012.

THE PRESIDENCY. **President Zuma to rename official Presidential Residence after John Langalibalele**. Pretória, 15 maio 2012. Disponível em <http://www.thepresidency.gov.za/pebble.asp?releid=6043>. Acesso em: 15 de agosto de 2012.

VILAKAZI, B. The Greatest Black Man of the Missionary Epoch in S. Africa. **Ilanga lase Natal**, 23 fev. 1946.

ZAMPARONI, V. D. **Entre Narros & Mulungos**. Colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques, c. 1890- c.1940. 1998. 580f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ZUMA, Jacob Gedleyihlekisa. **Address on the occasion of the renaming of Kings House, Presidential Residence as Dr John L Dube House, Durban**. 17 maio 2012. Disponível em:

<http://www.info.gov.za/speech/DynamicAction?pageid=461&sid=27620&tid=69127>.

Acesso em 30 jul. 2012b.

_____. **Celebrating 100 years of selfless struggle lecture on the founding General President of the ANC, General President John Langalibalele Dube**. 17 jan. 2012. Disponível em <http://www.anc.org.za/centenary/show.php?id=9308>. Acesso em 20 de janeiro de 2012a.

¹ Sobre a ação missionária cristã na África Austral ver, dentre outros, Comaroff (1992) e Dinnerstein (1976).

² Izibongo refere-se a louvores entoados em honra de uma pessoa, trata-se de um gênero de louvor poético, de poesia oral, comum entre os zulus, uma espécie de poesia ou louvor com características metafóricas, laudatórias, elogiosas e no qual se narram feitos históricos de uma pessoa que já morreu, sobretudo reis e aqueles que são heroificados. Imbongi é a pessoa especializada em proferir o izibongo.

³ Autor do romance *Cry, the beloved Country*, escrito em 1946, Alan Paton foi escritor e teve atuação política, sendo membro fundador do Liberal Party of South Africa em 1953.

⁴ Sobre o Apartheid ver, dentre outros, Coetzee (1991); Posel (1999).